

Fiocruz firma parceria com a ONU para evento sobre zika

Representantes da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas/OMS), da Organização das Nações Unidas Mulheres, do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e do Fundo das Nações Unidas para Crianças (Unicef) estiveram na Fiocruz Brasília (28/4) para conhecer o projeto Plataforma de Vigilância de longo prazo para Vírus Zika e Microcefalia no âmbito do SUS. A Fiocruz coordena um dos eixos do projeto. O objetivo é formar uma plataforma de integração de conhecimentos das coorte epidemiológica com diferentes bases de dados da saúde e do desenvolvimento social e assim analisar os impactos da doença hoje, e a longo prazo, acompanhar as condições de vida da população acometida com microcefalia e pelo vírus zika.

[\(Fiocruz, 07/05/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Para fortalecer as propostas de colaboração e cooperação na rede do complexo produtivo da saúde, será realizada, em agosto, a Feira de Soluções para a Saúde - Zika, que durante três dias promoverá um espaço de divulgação e compartilhamento da ciência e inovações tecnológicas e sociais relacionadas à tríplice epidemia, em Salvador, Bahia. O evento mobilizará pesquisadores, instituições do setor público e privado, movimentos sociais e outros atores. As agências da ONU participarão da feira com suas atividades, como a Sala de Situação em resposta aos direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres no contexto da tríplice epidemia e o Seminário Internacional sobre resposta brasileira à epidemia da zika.

Para o vice-diretor da Fiocruz Brasília, Wagner Martins, a inserção das agências da ONU na discussão do projeto é de grande importância. “O momento de aglutinação dessas agências é muito importante, como também a mobilização de parceiros nacionais e internacionais”, ressaltou.

“O evento é grandioso e à altura da Fiocruz e das outras instituições participantes. Temos uma expectativa grande com essa parceria”, afirmou

Cristina Albuquerque, coordenadora do Programa Sobrevivência e Desenvolvimento Infantil e HIV/aids do Unicef no Brasil.

Fonte:

Agência Fiocruz de Notícias

Cientista brasileira entra na lista dos 100 mais influentes da revista ‘Time’

A cientista brasileira Celina Turchi, especialista em doenças infecciosas da Fiocruz Pernambuco, entrou na lista das 100 personalidades mais influentes do mundo, divulgada nesta quinta-feira, 20, pela revista norte-americana *Time*. Celina foi uma das responsáveis por descobrir a relação entre a microcefalia e o vírus da zika.

[\(O Estado de S. Paulo, 20/04/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Na lista da *Time*, Celina aparece na categoria “Pioneiros”. O levantamento, divulgado anualmente pela revista, inclui personalidades da política, da área de negócios, artes e esportes, separadas por setores nos quais se destacaram.



Celina Turchi ajudou a criar rede de pesquisadores para estudar zika/Foto: UNICEF/BRZ/Ueslei Marcelino

A brasileira já havia figurado entre os dez cientistas mais importantes de 2016 em um levantamento [divulgado pela revista britânica *Nature*](#). Na revista Time, o perfil de Celina foi redigido por Tom Frieden, ex-diretor do Centro de Prevenção e Controle de Doenças Infecciosas (CDC), dos Estados Unidos.

No texto, Frieden descreve Celina como alguém “apaixonada, focada e um modelo de liderança global e colaboração necessárias para proteger a saúde humana”. “(Ela) trabalhou sem parar, perdendo refeições e tempo de sono para descobrir o que estava acontecendo. Entendeu que havia uma crise que requeria colaboração global.”

Para as pesquisas sobre o zika e a microcefalia, Celina entrou em contatos com cientistas de todo o mundo e pediu ajuda. Ela formou uma força-tarefa de epidemiologistas, especialistas em doenças infecciosas, pediatras, neurologistas e biólogos especializados em reprodução.

“Nem no meu pior pesadelo eu imaginei uma epidemia de microcefalia em

bebês”, lembrou a pesquisadora em entrevista à “Nature” à época da divulgação da lista da revista britânica, dizendo acreditar que o Brasil estava vivendo uma emergência de saúde pública com o surto da doença.

Mães de crianças com microcefalia enfrentam dificuldades para manter tratamentos

Bebês com microcefalia precisam de estimulação precoce para melhorar desenvolvimento. Falta terapeutas e informação para pais e cuidadores.

O acompanhamento médico dos bebês que nasceram com microcefalia causada pelo vírus zika é essencial para o desenvolvimento das crianças. Quase metade das famílias, no entanto, têm enfrentado dificuldades para começar ou continuar o tratamento da síndrome congênita, de acordo com um relatório divulgado pelo Ministério da Saúde.

O relatório toma como base os 2.327 bebês que seriam beneficiados pela Estratégia de Ação Rápida para o Fortalecimento da Atenção à Saúde e Proteção Social das Crianças com Microcefalia. De acordo com o levantamento, quase a metade das crianças estão sem o tratamento adequado. São 44,1% de bebês sem atendimento nos serviços essenciais para o desenvolvimento, como terapias.

[\(G1/Pernambuco, 28/03/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Daniel Vieira nasceu há um ano e cinco meses e, por causa dos remédios que toma para evitar convulsões, dorme o dia quase todo. Ele é acompanhado por neuropediatras e ortopedistas, mas não tem assistência dos terapeutas que poderiam fazer diferença no futuro.

[Clique para assistir à reportagem](#)

“Poucos profissionais trabalham com terapia ocupacional, então, as vagas são limitadas. É complicado conseguir fisioterapia, porque há instituições que só aceitam crianças que se desenvolverem. Caso contrário, eles não aceitam. Eu pegava três ônibus e passava por duas horas de viagem para chegar à fonoaudióloga que estávamos indo. É bem complicado”, disse a dona de casa Jaqueline Vieira, mãe de Daniel.

Há cinco meses, Daniel não tem o tratamento adequado e, segundo os médicos, isso se reflete diretamente no desenvolvimento da criança. Ações simples para a maioria dos bebês, como segurar a mamadeira e brinquedos, sustentar o pescoço e interagir com outras pessoas, por exemplo, não acontecem naturalmente para quem nasceu com microcefalia. Por isso a necessidade dos estímulos profissionais durante as primeiras fases da vida.

Na sede da União de Mães de Anjos, no Recife, Jaqueline se juntou a quase 400 mães de crianças com microcefalia. A presidente do grupo, Germana Soares, também tem um filho com as mesmas dificuldades. “O ideal é que, na estimulação precoce, a criança seja atendida por cada tipo de terapeuta, três vezes por semana. Ou seja, três fisioterapeutas, três fonos e três terapeutas ocupacionais. Hoje em dia, nossos bebês não têm nenhum acompanhamento ou apenas um atendimento”, afirmou.

Dias antes de Guilherme nascer, Germana soube dos primeiros casos dos bebês com microcefalia. Ela, que teve zika durante a gravidez, ficou alerta e tentou conseguir fisioterapia quando o bebê tinha apenas vinte dias de vida. “A estimulação precoce foi fundamental, porque ele tem o lado esquerdo do corpo todo afetado pelo vírus e, antigamente, o braço esquerdo dele era totalmente dormente. Ele tem 1 ano e 4 meses e a mentalidade de uma criança de oito a nove meses, mas se desenvolve”, disse Germana.

Na casa de Jaqueline, no entanto, o bebê Daniel não está se desenvolvendo, e a mãe precisou parar de trabalhar para tomar conta do filho integralmente. O caso dela é um dos muitos que a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) pretende estudar nos próximos meses.

“Queremos escutar as mulheres e as famílias. Os cuidadores. Os impactos que um evento inusitado grave tiveram na vida dessas pessoas, no ponto de

vista social e econômico. As mulheres puderam continuar em seus empregos? Quais foram as dificuldades que elas tiveram e continuam tendo?”, disse Tereza Lyra, pesquisadora da Fiocruz.

A situação é ainda pior em cidades do interior, onde o que mais falta é informação. “Quando chegamos no Sertão, nos deparamos com crianças de um ano e dois meses que nunca passaram por um neuropediatra. Essas crianças convulsionavam sem parar e os pais, leigos, não sabiam que aquilo era uma convulsão. Muitas vezes, a carência dessas mães é de informação”, disse Germana.

Seis doenças sexualmente transmissíveis em alta entre jovens brasileiros; saiba como evitá-las

Com cada vez mais jovens fazendo sexo de forma desprotegida, o número de ocorrências de doenças sexualmente transmissíveis tem aumentado consideravelmente no Brasil, na esteira do que já acontece no mundo.

[\(BBC, 26/02/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Segundo dados do Ministério da Saúde, 56,6% dos brasileiros entre 15 e 24 anos usam camisinha com parceiros eventuais.

A falta de prevenção no início da vida sexual vem preocupando o órgão, afirma Adele Schwartz Benzaken, diretora do Departamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais.

“Nos últimos anos, temos observado que a população mais jovem está

reduzindo o uso do preservativo”, diz ela à BBC Brasil.



Ministério da Saúde constata menor uso de preservativo e maior contágio de HIV entre jovens/Reuters23

Mas é no Carnaval que as campanhas de prevenção se intensificam. Até o fim da festa, peças publicitárias do governo estarão em TVs, revistas e redes sociais propagando o slogan “No carnaval, use camisinha - e viva essa grande festa!”.

As campanhas miram, sobretudo, o alto número de pessoas no Brasil que têm HIV mas ainda não sabem - aproximadamente 112 mil brasileiros - e os cerca de 260 mil que vivem com o vírus mas ainda não se tratam, aumentando o risco de propagação da doença.

Apesar de o principal foco continuar sendo a prevenção de HIV/Aids, especialistas alertam para o risco de propagação de outras doenças, como HPV, herpes genital, gonorreia, hepatite B e C e, especialmente, sífilis.

Saiba mais sobre cada doença abaixo. Todas podem ser evitadas com o uso do preservativo.

HIV/Aids

O vírus da imunodeficiência humana é o causador da Aids, que ataca o sistema imunológico e derruba o sistema de defesa do organismo.

No Brasil, a epidemia de HIV/Aids é considerada estabilizada, mas vem avançando entre os mais jovens.

Na última década, o índice de contágio mais que dobrou entre jovens de 15 a 19 anos, passando de 2,8 casos por 100 mil habitantes para 5,8 casos.

Também aumentou na faixa etária entre 20 a 24 anos, chegando a 21,8 casos a cada 100 mil habitantes.

“Isso mostra que nossa população jovem está mais vulnerável ao HIV e precisa acessar mais conhecimento e os serviços de saúde para se testar”, afirma a infectologista Brenda Hoagland, pesquisadora do Laboratório de Pesquisa Clínica em DST e AIDS do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz).

“Como a nova geração não assistiu à epidemia quando o HIV ainda não tinha tratamento, é possível que não tenha uma percepção sobre a gravidade do HIV, o que aumenta nossa responsabilidade de informar sobre sobre riscos e prevenção”, acrescenta ela.



Governo quer distribuir 74 milhões preservativos masculinos e 3,1 milhões femininos no Carnaval/ AFP

Atualmente, cerca de 827 mil pessoas vivem com o HIV no país, e aproximadamente 112 mil brasileiros têm o vírus, mas não o sabem.

O tratamento contínuo ao HIV pode controlar a doença, garantir a sobrevivência dos infectados e tornar o vírus indetectável (o que equivale a prevenir a transmissão com uma segurança de 96%). Mas não pode curá-la. O teste rápido costuma detectar a infecção cerca de 15 dias após o contágio.

As campanhas costumam focar no uso da camisinha como método de prevenção, mas é essencial conhecer também a proteção disponível para casos de relação de risco desprotegidas, frisa Brenda - a chamada profilaxia pós-exposição, ou PEP, um conjunto de medicamentos contra o HIV que devem ser ingeridos por 28 dias no período imediatamente após o possível contágio.

“Se uma pessoa teve uma relação sexual desprotegida em que suspeite de risco para o HIV, ela deve procurar um serviço de saúde até no máximo 72 horas após a relação. Ou seja, se a camisinha rompeu ou deixou de ser usada, a pessoa pode buscar o atendimento numa emergência e o serviço é gratuito”, ressalta a infectologista, acrescentando que quanto mais cedo se inicia o tratamento dentro dessas 72 horas, maiores suas chances de eficácia.

Sífilis

Transmitida pela bactéria *Treponema pallidum*, a infecção apresenta diferentes estágios, do primário ao terciário, e tem maior potencial de infecção nas duas primeiras fases, que costumam ocorrer até 40 dias após o contágio. É transmitida por relações sexuais ou pode ser passada da gestante para o bebê.

“A sífilis congênita, que é notificada compulsoriamente no Ministério da Saúde, é transmitida de mãe para filho e teve aumento de quase 200% ao longo dos últimos dois anos”, alerta a infectologista Brenda Hoagland, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz).

Os sintomas são feridas na região genital (na fase primária) e manchas no corpo que sugerem uma alergia (na fase secundária). O tratamento da doença é gratuito na rede pública, feito com penicilina.



Ministério da Saúde aponta aumento de quase 200% em casos de sífilis congênita nos últimos dois anos/ AG Brasil

O problema é que os sintomas podem se curar sozinhos e passar despercebidos.

“O fato de uma pessoa não ter mais sintomas não significa que esteja curada. Esse é o grande problema e faz com que o diagnóstico esteja muito abaixo do necessário”, avisa Brenda.

A sífilis terciária pode aparecer de dois a quarenta anos após o início da infecção, podendo causar lesões neurológicas, cardiovasculares e levar à morte.

“Pessoas com vida sexual ativa e que tenham relações desprotegidas devem fazer o teste para a sífilis independentemente dos sintomas, da mesma forma que devem fazer testes para o HIV e serem vacinadas contra Hepatite B”, recomenda Brenda, lembrando que a sífilis aumenta o risco de infecção por HIV.

O acompanhamento da gestante no pré-natal também é fundamental para

evitar a transmissão da doença para o bebê.

A sífilis pode levar à má-formação do feto, surdez, cegueira e deficiência mental.

HPV

O Papilomavírus Humano existe com mais de 200 variações e se manifesta por meio de formações verrugosas - que podem aparecer no pênis, vulva, vagina, ânus, colo do útero, boca ou garganta.

O sexo é a principal forma de transmissão do HPV, seja pelo coito ou pelo sexo oral.

O HPV é uma preocupação grave de saúde pública pelo potencial de alguns tipos do vírus causarem câncer, principalmente no colo do útero e no ânus, mas também na boca e na garganta, que vêm aumentando entre os jovens.

O vírus pode ficar latente por períodos prolongados sem que haja sintomas, e é difícil erradicar a infecção por completo.

Por isso, especialistas recomendam que mulheres em idade reprodutiva façam exames preventivos anuais no colo do útero para monitorar o aparecimento de possíveis lesões que antecedem o câncer e que podem ser tratadas.



Apenas 56,6% dos jovens brasileiros usam camisinha com parceiros eventuais/ AFP

A infectologista Brenda Hoagland, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), estende a recomendação a homens que fazem sexo anal desprotegido, e devem fazer exames preventivos na região anal e no reto.

No fim do ano passado, o Ministério da Saúde anunciou que a vacina quadrivalente que protege contra quatro tipos de HPV passaria a ser oferecida também para meninos, na faixa de 12 a 13 anos. Até agora, a vacina só era disponibilizada para meninas de 9 a 13 anos.

Gonorreia

A doença é causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoeae*, que infecta sobretudo a uretra.

O sintoma mais comum é a presença de corrimento na região genital, mas a infecção pode causar dor ou ardor ao urinar, dor ou sangramento na relação sexual e, nos homens, dor nos testículos. A maioria das mulheres infectadas não apresenta sintomas.

O tratamento é feito com antibiótico e deve ser estendido ao parceiro, mesmo que este não tenha sintomas.

Quando não tratada, a infecção pode atingir vários órgãos, como o testículo, nos homens, e o útero e as trompas, nas mulheres, e pode causar infertilidade e complicações graves.

Herpes genital

Transmitido pela relação sexual com uma pessoa infectada, o vírus do herpes causa pequenas bolhas e lesões dolorosas na região genital masculina e feminina.

As feridas podem acompanhar ardor, coceira, dor ao urinar e mesmo febre, e os sintomas podem reaparecer ou se prolongar quando a imunidade está baixa.

“O herpes não tem cura. A partir do momento que você tem uma infecção, você ter vários episódios ao longo da vida. A única forma de prevenção é o preservativo”, ressalta a infectologista Brenda Hoagland, da Fiocruz.



Hoje, cerca de 827 mil pessoas vivem com HIV no Brasil e cerca de 112 mil brasileiros têm vírus mas não sabem

Além do incômodo causado pelas lesões, o herpes pode facilitar a entrada das outras doenças sexualmente transmissíveis.

Os portadores do vírus devem ter cuidado redobrado para não transmiti-lo, o que ocorre principalmente quando as feridas estão presentes, mas pode também ocorrer na ausência das lesões ou quando elas já estão cicatrizadas.

A doença pode ter consequências graves durante a gravidez, podendo provocar aborto e trazer sérios riscos para o bebê.

Hepatite B ou C

No Brasil, as formas virais mais comuns de hepatite ou inflamação do fígado são as causadas pelos vírus A, B ou C.

A hepatite B é transmitida sexualmente, e também por transfusão de sangue e compartilhamento de material para uso de drogas, entre outros.

As mesmas formas valem para a hepatite C, mas a transmissão sexual é mais rara, por isso, ela não é considerada propriamente uma infecção sexualmente transmissível.

De acordo com o Ministério da Saúde, milhões de brasileiros são portadores dos vírus B ou C e não sabem.

Correm, assim, o risco de desenvolver a doença crônica e ter graves danos ao fígado, como cirrose e câncer.

A vacina contra a hepatite B é gratuita e disponível na rede pública. O diagnóstico é feito por meio de exame de sangue e o tratamento pode combinar medicamentos e corte de bebidas alcoólicas.

Os sintomas para ambas as doenças são raros, mas podem incluir cansaço, tontura, enjoo e pele e olhos amarelados.

Como a doença é considerada “silenciosa”, é indicado realizar exames de rotina que detectam todas as suas formas.

Ainda não há vacina para a hepatite C.

Fiocruz pesquisa impactos sociais do zika sobre a vida das mulheres

Estudo será concentrado no Recife e no Rio de Janeiro

[\(Folha PE, 31/01/2017 - acesse no site de origem\)](#)

A Fiocruz lançou, nesta terça-feira (31), no Recife, um estudo que vai pesquisar os impactos sociais do vírus zika sobre a vida das mulheres. O levantamento “Impactos sociais e econômicos do vírus zika no Brasil” vem da constatação de que o vírus está relacionado ao aumento dos casos de microcefalia em bebês.

Leia mais: [População imune a vírus Zika após 1º surto é menor do que se imaginava, diz estudo \(BBC Brasil, 01/02/2017\)](#)

A pesquisadora da Fiocruz e coordenadora do estudo, Tereza Lyra, explica a iniciativa. “A Fiocruz já tem um ano de trabalhos importantíssimos publicados sobre a síndrome congênita do zika, mas a gente sentia uma lacuna, que era compreender o impacto para essas famílias, particularmente para essas mulheres que conviveram com crianças vitimadas por essas doenças. A gente espera com essa pesquisa preencher essa lacuna e compreender os impactos sociais e econômico para essas famílias”, conta.

O estudo vai se concentrar no Recife e no Rio de Janeiro e terá duração de um ano. A pesquisa é financiada pela fundação Wellcome Trust, do Reino Unido. “Além de financiar, a fundação estará conosco o tempo todo na análise dos dados. São esses três núcleos que estão trabalhando”, aponta Tereza.

Em princípio, a Fiocruz vai trabalhar com mulheres que já vêm sendo

estudadas em outras pesquisas. Serão três eixos de abordagem: um mais quantitativo, para dimensionar, por exemplo, se há casos de depressão, ansiedade, sofrimentos emocionais e psíquicos, com aplicação de alguns testes; outro eixo de avaliação econômica do impacto financeiro, para as famílias e os serviços de saúde; e o terceiro, de entrevistas com as mulheres, para dar-lhes voz. “Esperamos divulgar o conjunto desses resultados daqui a um ano, tanto para a população, quanto para os gestores, para que possam fazer políticas que atendam essa demanda das mulheres”, esclarece a pesquisadora.

Tereza Lyra destaca a maior incidência da síndrome conjunta do zika na população de baixa renda. “O Brasil é um país profundamente injusto e, infelizmente, a população parece que sente um certo conformismo de conviver com essa desigualdade. Então o zika, assim como outras doenças, acomete muito mais densamente as populações de baixa renda, porque é uma população que tem menos acesso a água, saneamento, cuidados de saúde cotidianos, além da maior densidade habitacional por domicílio. Todos esses fatores facilitam a proliferação do vetor. É população muito mais vulnerável. Mais do que nunca, precisamos pensar nessa população. Muitas mulheres tiveram que abandonar seus empregos, as famílias ficaram sobrecarregadas financeiramente e emocionalmente. É uma preocupação grande, sim, esse aspecto”, alerta.

Renata Coutinho

5ª Conferência Mundial de Iniciativas de Pesquisa sobre

Violência Sexual recebe trabalhos, até 28/2, para o SVRI Fórum 2017

Encontro acontecerá em setembro de 2017, na cidade do Rio de Janeiro, sendo co-organizado pela SVRI (Sexual Violence Research Initiative - Iniciativas de Pesquisa sobre Violência Sexual), Promundo, Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ, Brasil, Organização Panamericana de Saúde, ONU Mulheres, entre outras

[\(ONU Mulheres, 10/01/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Considerado o maior evento mundial dedicado à pesquisa, prevenção e resposta à violência sexual e violência sobre parceiro íntimo, a 5ª Conferência Mundial de SVRI (Sexual Violence Research Initiative - Iniciativas de Pesquisa sobre Violência Sexual) - SVRI Fórum 2017 recebe, até 28 de fevereiro, propostas de trabalhos para apresentação oral ou pôster. O encontro ocorrerá, nos dias 18 e 21 de setembro de 2017, no Rio de Janeiro, tendo a ONU Mulheres como uma das instituições apoiadoras.

O SVRI Fórum 2017 é um espaço para pesquisadores, sociedade civil, políticos, financiadores, entre outros, visando a partilha e a aquisição de conhecimentos sobre novas pesquisas relativas à violência sexual e outras formas de violência contra mulheres e crianças. Possibilita deste modo, várias oportunidades às e aos participantes para aprender e interagir com os especialistas desta área.

Com o lançamento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - os 17 objetivos que 193 estados membros da ONU se comprometeram a atingir nos próximos 15 anos -, o SVRI Fórum 2017 é um espaço para debater e partilhar estratégias no sentido de alcançar os objetivos que se propõem eliminar todas as formas de violência contra mulheres e meninas.

Envio de trabalhos - As propostas serão recebidas pelo e-mail svri.forums@mrc.ac.za.

São incentivadas produções que abarquem os assuntos: Violência sexual, Violência por parceiro íntimo, Abuso infantil e negligência, HIV e violência sexual e de gênero; trabalho feminista com homens e meninos; feminicídio; exploração sexual (comercial) de Crianças e Adolescentes (SECA); prevenção e respostas à violência sobre crianças e adolescentes; tráfico sexual; abuso sexual e violência em contextos institucionais; populações marginalizadas, incluindo mulheres com deficiências, questões LGBTI, trabalhadores do sexo, migrantes e refugiados; novas formas de violência de gênero, incluindo o bullying cibernético, perseguição cibernética e vitimização secundária; impactos na saúde mental da violência sobre mulheres e sobre crianças; recurso à tecnologia como prevenção e resposta à violência sexual e íntima, bem como de exploração e abuso sobre crianças.

As propostas serão anonimamente revisadas pela comissão de análise de submissão de resumos. Cada resumo é revisado por pares, sendo avaliado por dois ou mais membros da comissão.

Temas em debate - As principais áreas de discussão e debate no SVRI Fórum em 2017 incidem sobre as seguintes questões:

Quais as necessidades para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Como serão monitorados? Como podemos ampliar a prevenção? Reforçar a base de dados relativa à prevalência e aos indicadores de violência sobre parceiro sexual e íntimo, bem como outras formas de violência contra mulheres, crianças e grupos LGBTI.

Como construir melhores intervenções? Usando evidência para informar as estratégias de prevenção relevantes bem como as estratégias de resposta.

Partilha de métodos novos ou existentes, bem como de ferramentas, incluindo:

Medição e monitoramento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável com um foco na violência sexual e de gênero (VSG)

O custo das intervenções e do impacto global da VSG

Ampliação de resultados e de instrumentos.

VSG em conflito, pós-conflito, situações humanitárias e cenários de alta violência urbana - planejamento, execução, coordenação e monitoramento de ações essenciais para prevenir e mitigar os impactos de VSG

Promover uma abordagem feminista que promova o trabalho conjunto de mulheres e homens na área da violência contra as mulheres.

Interconexões e intersecções entre diferentes formas de violência durante a trajetória de vida de um indivíduo.

A participação de crianças nas pesquisas sobre violência e abuso na infância.

Outras informações poderão ser obtidas pelos seguintes contatos: svri.forums@mrc.ac.za e www.svri.org

Fiocruz obtém registro de teste para zika, dengue e chikungunya

Primeiro do país com chancela da Anvisa, novo teste detecta RNA dos 3 vírus por meio plataforma tecnológica e o resultado é obtido no mesmo dia

[\(UOL, 21/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)

A Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) obteve o registro do Kit ZDC, o primeiro do país com chancela da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) que permite realizar o diagnóstico simultâneo de zika, dengue e chikungunya. O novo teste auxiliará as ações de enfrentamento da situação de emergência sanitária causada por essas três doenças. O Kit ZDC detecta o RNA dos três vírus através da plataforma tecnológica PCR em tempo real e o resultado é obtido no mesmo dia. O produto efetua o diagnóstico molecular com detecção e diferenciação da infecção.

A inovação é fruto do trabalho integrado do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz) com o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e o IBMP (Instituto de Biologia Molecular do Paraná), sob coordenação do Ministério da Saúde.

“Temos satisfação em entregar esta inovação à sociedade brasileira. Estamos

mobilizados para responder à grave situação do vírus zika e da microcefalia, e esta é parte importante dos nossos esforços”, disse o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha. Ele acrescentou que a ação é resultado do esforço do Gabinete Para o Enfrentamento à Emergência Epidemiológica em Saúde Pública da Fiocruz.

A aprovação da Anvisa para o registro do Kit ZDC foi publicada no Diário Oficial da União na última segunda-feira (19/12). Versátil, o kit pode ser usado para o diagnóstico laboratorial dos três vírus, para dois ou para cada um separadamente. O teste permite o diagnóstico na fase aguda da doença, quando os sintomas clínicos das três infecções se manifestam e necessitam de um diagnóstico laboratorial preciso e discriminatório. O diagnóstico precoce pode auxiliar na conduta clínica dos pacientes e na indução de providências adicionais relacionadas à vigilância epidemiológica e prevenção de novos casos.

Os primeiros lotes para atendimento ao SUS (Sistema Único de Saúde) já estão sendo produzidos. As entregas se darão conforme a demanda do Ministério da Saúde. A produção e nacionalização dos kits poderá representar uma economia aos cofres públicos, além do aumento da qualidade e confiabilidade do diagnóstico.

Fiocruz assina acordo de colaboração para vacina contra zika

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - por meio do seu Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos/Fiocruz) - a Sanofi Pasteur e o Walter Reed Army Institute of Research (WRAIR) - Laboratório do Departamento de Defesa dos Estados Unidos - assinaram acordo de colaboração para o

desenvolvimento de uma vacina contra o vírus zika. As três organizações de pesquisa têm um histórico de colaboração no desenvolvimento de vacinas contra flavivírus.

[\(Blog da Saúde, 11/11/2016 - acesse no site de origem\)](#)

De acordo com os Princípios de Colaboração, as atividades da Fiocruz deverão complementar as atividades do WRAIR e da Sanofi, aumentando assim a probabilidade de sucesso no desenvolvimento e registro de uma vacina segura e eficaz contra o zika. Com base na parceria com o WRAIR, as áreas de pesquisa da Fiocruz podem incluir o desenvolvimento do processo, a caracterização da vacina, estudos epidemiológicos, avaliação pré-clínica e clínica da vacina, assim como a otimização dos estudos clínicos.

“Desde a declaração de emergência sanitária de importância internacional, a comunidade científica mundial se mobilizou para criar subsídios para o entendimento da epidemia causada pelo vírus zika, um vírus agressivo e desconhecido tecnicamente. É a partir da mobilização de grandes instituições que se poderá propor soluções para o enfrentamento, como vacinas”, destacou o vice-presidente de Pesquisa e Laboratórios de Referência da Fiocruz, Rodrigo Stabeli. “O acordo de princípio de colaboração entre Fiocruz, Sanofi e o Instituto Walter Reed vem aproximar instituições com competência para se buscar elementos científicos para uma possível vacina. Para a Fiocruz, trabalhar com institutos competentes deve ser potencializado desde que se assegure os direitos de acesso as tecnologias desenvolvidas pelo SUS e o povo brasileiro”.

Bio-Manguinhos, unidade da Fundação diretamente relacionada ao acordo, é uma das principais instituições de pesquisa de saúde pública do mundo envolvidas em vacinas - como a meningocócica ACW, febre amarela, poliomielite, rotavírus humano, sarampo, caxumba e rubéola (MMR). O acordo não impede que as três organizações desenvolvam de forma independente as suas próprias vacinas candidatas contra zika ou que colaborem com outras organizações para esta finalidade.

“A Fiocruz, o WRAIR e a Sanofi Pasteur têm uma história de colaboração”, esclareceu o vice-presidente sênior de Pesquisa e Desenvolvimento da Sanofi

Pasteur, John Shiver. “Em termos de Saúde Pública, faz todo o sentido que combinemos a nossa experiência e recursos com a Fiocruz, que está idealmente baseada localiza no Brasil, onde está o foco das atuais experiências sobre zika. Temos um objetivo comum de desenvolver uma vacina para prevenir esta emergente ameaça de doença imposta pelo vírus”, afirmou.

Sanofi Pasteur e WRAIR no acordo

O acordo assinado tem como objetivo utilizar tecnologia do WRAIR para o desenvolvimento de uma vacina para zika com o vírus inativado (ZPIV) pela Sanofi Pasteur. De acordo com o documento assinado, o WRAIR, em conjunto com o Instituto Nacional para Alergia e Doenças Infecciosas dos EUA, deve patrocinar e apoiar uma série de estudos fase I para que a Sanofi Pasteur produza a vacina para testes clínicos fase II, em conformidade com as Boas Práticas de Fabricação (BPF, otimizando o processo de fabricação com obtenção de melhores rendimentos e caracterização da vacina).

Em outubro deste ano, a Biomedical Advanced Research and Development Authority (Barda), do Gabinete do Secretário Adjunto de Pronto socorro e Resposta do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA, concordou com uma proposta de financiamento para a fabricação pela Sanofi Pasteur da vacina inativada contra zika para o estudo de desenvolvimento de fase II. Além deste financiamento, existe uma opção no contrato que permite à Barda continuar suportando o que seria a fase III, relacionada ao desenvolvimento industrial e clínico da vacina.

Sobre os parceiros do acordo

A Sanofi Pasteur desenvolveu e oferece várias vacinas contra flavivírus. A empresa desenvolveu a sua primeira vacina contra a febre amarela em 1979 e, desde então, disponibilizou mais de 400 milhões de doses; a vacina está registrada em mais de 100 países em todo o mundo. Em 2010, a Sanofi Pasteur registrou sua primeira vacina contra a encefalite japonesa, que agora está registrada em 14 países, com mais de 1,5 milhões de doses comercializadas até agora. Ambas as vacinas contra a febre amarela e encefalite japonesa são registradas em países endêmicos, bem como em

outros países, para atender os indivíduos que viajam para países endêmicos. Até agora, a vacina contra dengue da Sanofi Pasteur, a mais nova vacina contra flavivírus da companhia, está registrada para a prevenção da doença em 12 países endêmicos, incluindo o Brasil.

Com sede em Silver Spring, Maryland, o Instituto Walter Reed Army of Research (WRAIR) desenvolve vacinas, medicamentos e diagnósticos para doenças atuais e emergentes, que representam uma ameaça para as operações militares e de prontidão. Com uma grande presença na África e na Ásia, e uma nova unidade na região do Cáucaso, o WRAIR realiza pesquisas onde as doenças infecciosas representam grave ameaça.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) é uma instituição científica fundada em 1900 para a pesquisa e desenvolvimento em ciências biomédicas, com sede no Rio de Janeiro e em 10 outros estados brasileiros. A Fundação tem um grande compromisso com a saúde e bem-estar da população brasileira. A unidade Bio-Manguinhos/Fiocruz é uma das principais instituições de pesquisa de saúde pública do mundo envolvidas em vacinas - como a meningocócica ACW, febre amarela, poliomielite, rotavírus humano, sarampo, caxumba e rubéola (MMR) - bem como com o desenvolvimento de medicamentos para kits de diagnóstico, treinamento de agentes da saúde pública e de outros trabalhadores da área da saúde. Recentemente, a Fiocruz tem colaborado com a Organização Mundial de Saúde (OMS) para controlar a epidemia de febre amarela na África.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Pesquisa de vacina contra zika vírus será acelerada

Laboratórios assinaram acordo de colaboração para desenvolvimento de vacina até 2020

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a farmacêutica francesa Sanofi e o Walter Reed Army Institute of Research, dos Estados Unidos, assinaram, nesta quinta-feira (27), um acordo sobre princípios de colaboração para acelerar o desenvolvimento e o registro de uma vacina contra o zika vírus. “A ideia é juntar esforços”, destacou o vice-diretor de Desenvolvimento Tecnológico da Bio-Manguinhos/Fiocruz, Marcos Freire.

[\(Portal Brasil, 27/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Em entrevista à Agência Brasil, Freire explicou que a vacina em questão utiliza o vírus inativado - como acontece, por exemplo, na dose injetável administrada em crianças contra a poliomielite. Uma forma de se referir ao vírus inativado, segundo Freire, seria chamá-lo de vírus morto ou incapaz de causar infecção. “É uma vacina que tem uma segurança maior. Uma grávida que tomar essa vacina, por exemplo, não teria risco”, explicou.

O acordo, segundo o especialista, define princípios para a colaboração entre as instituições. Ainda será necessário um acordo mais detalhado, que inclua questões de maior embasamento legal. “Estamos discutindo uma parceria para juntar esforços e desenvolver uma vacina inativada contra o zika. Esse acordo visa à união desses três institutos para que, juntos, utilizando todas as nossas expertises, possamos chegar a uma vacina.”

Freire não deu prazos para a conclusão da pesquisa e disse apenas que o esforço é para se chegar o mais rápido possível à fase de testes clínicos - quando a vacina é utilizada em voluntários. “É difícil dizer. Considerando que tudo corra maravilhosamente bem e muito rápido, ainda assim é difícil prever quando teremos uma vacina registrada. Se a gente conseguir chegar à fase 1 em 2017, à fase 2 em 2018 e iniciar a fase 3 em 2019, acredito que 2019 ou 2020 seriam nosso melhor cenário para ter uma vacina no mercado.”

Emergência

Em fevereiro deste ano, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência em saúde pública diante do aumento de casos de microcefalia e outras desordens do sistema nervoso central relacionadas à infecção pelo vírus. Desde 2015, pelo menos 67 países - incluindo o Brasil - registraram

casos de infecção local pelo vírus.

A entidade contabiliza, até o momento, mais de 60 parceiros e em torno de 25 iniciativas voltadas para o desenvolvimento de uma vacina que seja capaz de conter a epidemia de zika e, conseqüentemente, o aumento de casos de microcefalia no mundo.

Fonte: Portal Brasil, com informações da Agência Brasil

Como controlar dengue e Zika com a PEC 241?, questiona Fiocruz

Importante entidade de pesquisa no Brasil diz que saúde e estudos vão ficar comprometidos com os cortes propostos pela medida - que avança com tudo

[\(Brasileiros, 05/10/2016 - Acesse no site de origem\)](#)

Uma das instituições de pesquisa mais respeitadas no País, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) divulga carta em que exorta o governo a não aprovar a PEC 241 (Proposta de Emenda Constitucional). Medida promete congelar os recursos da saúde e educação nos próximos 20 anos.

Na PEC, o orçamento previsto para as áreas é ajustado apenas pela inflação - e, mesmo se a receita ou PIB do País crescer, não haverá mais recursos. A proposta avança no Congresso. Um primeiro relatório, favorável à sua aprovação, foi apresentado nesta terça-feira (4) na Câmara Federal. Votação em plenário está prevista para o dia 10.

A carta da entidade cita estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). E mostra o seguinte cenário:

a) caso essa PEC houvesse sido aplicada a partir de 2003, a saúde teria perdido 42,1% dos recursos, o equivalente a uma perda de 257 bilhões de reais;

b) sendo implementada a partir de 2017 e considerando 20 anos à frente, o estudo aponta perdas entre 654 bilhões e 1 trilhão de reais (a depender do comportamento da economia).

Para a Fiocruz, a aplicação da PEC 241 segue a premissa de que o momento demanda cortes de gastos sociais para a retomada da economia. Essa visão para a entidade é incorreta. Cita a carta:

A história da entidade começa em 1900 - quando, pelas mãos do bacteriologista Oswaldo Cruz, o Instituto foi responsável pela erradicação da epidemia de peste bubônica e a febre amarela da cidade.

A entidade também sempre perdeu com o avanço de movimentos autoritários. Perdeu autonomia com a Revolução de 1930. Com o golpe de 1964, foi atingida pelo chamado Massacre de Manguinhos: a cassação dos direitos políticos de alguns de seus cientistas.

A Fiocruz foi a primeira instituição a isolar o vírus HIV pela primeira vez na América Latina - e ainda desenvolveu testes rápidos que detectam o vírus em 2012. Seu papel durante a epidemia de Zika foi fundamental: confirmou os primeiros casos, divulgou estudos sobre outras formas de transmissão e desenvolveu testes para detecção. O instituto também está desenvolvendo uma vacina contra o vírus.